

Leandro Apolinário e a transformação do golfe carioca

30 abr, 2024



A aparência calma e o sorriso fácil do advogado e golfista Leandro Apolinário fazem jus à gentileza e a cordialidade com que ele recebeu a reportagem da TRIBUNA DA IMPRENSA no paradisíaco Itanhangá Golfe Clube para falar sobre o seu assunto preferido. Não, esta não será uma entrevista sobre Direito. Leandro é o presidente da Federação Estadual de Golfe. Entretanto, se há uma denominação que supere o cargo, é perfeitamente possível dizer que é um realizador e promotor do esporte pelo qual se apaixonou há 15 anos.

Em uma tarde de abril, presenteados por um visual estonteante, o dirigente e jogador, entre outros assuntos, falou da origem de sua paixão, do envolvimento com o lado diretivo, suas realizações desde a época em que era vice-presidente e fez uma previsão otimista para a continuidade do desenvolvimento do esporte.

CONFIRA OS PRINCIPAIS TRECHOS DA ENTREVISTA

QUEM É LEANDRO APOLINÁRIO

Sou advogado, formado em 1998 e advogo desde 1994, primeiro ano da faculdade. O golfe começou na minha vida há 15 anos quando eu casei e fui morar em um condomínio na barra e lá tinha um campinho.

Eu passava por lá para jogar tênis, olhava...e aí conheci o Luiz Carlos Pinto, um dos maiores jogadores de golfe que o Brasil já teve. Chamado de Pelé do golfe. Tem uma estátua que coloquei aqui no Itanhangá Golfe Clube. É um dos legados que deixei. Ele representou um Brasil em cerca de 60 países.

Negro, pobre. Sofia todo tipo de preconceito e sabotagem. Mesmo assim, venceu. No meio do golfe é uma referência. Começou a conversar, bater umas bolas, acabei virando golfista.

LADO SOCIAL

Golfe tem essa pecha de ser de elite. E acaba sendo. Não é barato. Isso cria um paradigma, as pessoas pensam 'isso não é para mim'. Eu mesmo tinha esse bloqueio. Só fui jogar porque no lugar que fui morar tinha um campo e ainda assim demorei a vencer essa barreira e levei tempo para me arriscar a jogar.

Mas existem projetos sociais. Em Japeri, na Baixada Fluminense, há um campo de golfe e um projeto social que atende cerca de 100 crianças. Oferece inclusão na sociedade através do golfe. As tira de outras distrações. Elas participam do Rio Kids, a Federação obviamente arca com os custos. Eles fazem seletiva interna e isso gera motivação aos meninos para jogar no Itanhangá e em Teresópolis.

No Projeto "Cuca Legal", que é mais amplo, em Angra dos Reis, há a divisão "tacada de ouro", crianças da comunidade do Frade que recebem instrução, jogam no campo e também viajam para jogar no Rio Kids.

Assim o golfe quebra paradigma e ajuda a se livrarem do que poderia ser um caminho para o crime. Aos 18 anos, se o menino não virar jogador de golfe, aprendeu a ser cadding, a cuidar de equipamento, do campo. Enfim, tem um caminho a seguir.

O Breno Domingos, menino de Japeri, é um destaque. Está bem colocado, jogou o aberto brasileiro no Campo Olímpico, foi um dos poucos classificados diretamente.